

Pesquisadora analisa problemas da sexualidade que põem estudantes sob risco de doenças e da paternidade precoce

# Pai adolescente é tema de estudo sobre vulnerabilidade de gênero

CARMO GALLO NETTO  
carmo@reitoria.unicamp.br

A psicóloga Anecy de Fátima Faustino Almeida vem estudando, há bom tempo, os problemas da sexualidade na adolescência induzidos socialmente que possam levar a doenças sexualmente transmissíveis e à paternidade emateridade. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), ela é autora do livro *De menina a mãe adolescente – Uma construção da vulnerabilidade de gênero*, originado de sua dissertação de mestrado publicado pela editora da mesma instituição. Agora, em tese de doutorado defendida junto à Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, a pesquisadora volta-se para os meninos.

Anecy de Almeida acompanhou treze pais menores de 20 anos, com companheiras na mesma faixa etária e um único filho até 1 ano de idade, selecionados entre alunos de escolas públicas de Campo Grande (MS). A pesquisa teve orientação da professora Ellen Elizabeth Hardy e apoio de pesquisadores e da infra-estrutura do Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva da Campinas (Cemicamp), da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFMS, da Capes e do Fundo de Apoio ao Ensino à Pesquisa e Extensão (Faepex) da Unicamp.

A exemplo do estudo com as meninas, Anecy Almeida partiu da premissa de que os meninos recebem uma educação de gênero que influencia a sexualidade e torna sua prática vulnerável a doenças e à paternidade. “Precisava comprovar esses pressupostos e correlacioná-los. O que me motivou, também, foi a constatação de um significativo aumento do número de pais adolescentes e a escassez de es-



Foto: Antoninho Perri

A psicóloga Anecy de Fátima Faustino Almeida: “Há um aumento significativo do número de pais adolescentes e escassez de estudos sobre eles”

tudos sobre eles”, justifica.

Para a pesquisadora, a socialização pela qual se adquirem os traços de masculinidade ou feminilidade, e a educação sexista, tornam as pessoas suscetíveis a riscos. Nas entrevistas, ela buscou os traços de masculinidade de presentes nas histórias de vida dos adolescentes. “Analisar as brincadeiras infantis, como vivenciaram as modificações corporais de sexualidade, o que aprenderam com amigos e adultos sobre o ‘homem viril’, e outros valores sociais subjacentes à personalidade”, explica.

O retrato – Na opinião da psicóloga, o comportamento introjetado por esses jovens reflete valores e conceitos arraigados em determinados segmentos da socie-

dade. De colegas da mesma idade, ouviram que um homem precisa correr riscos, ser ousado, cultivar a impulsividade e consumir drogas – as ilícitas o fariam ainda mais másculo. Dos homens adultos, aprenderam sobre a responsabilidade, o trabalho remunerado, a necessidade de ser provedor. Os adolescentes entrevistados eram todos trabalhadores, alguns desde a infância, incluídos na faixa de renda média para baixo.

“Esses garotos são instigados a rejeitar tudo o que faça parte do universo feminino, sem poder brincar com as meninas ou como elas, o que traz implicações no relacionamento com o sexo oposto. Eles não aprendem sequer a cuidar de si mesmos, pois ‘cuidar’ é coisa de mulher”, enfatiza a professora. O corpo então é

visto como instrumento de prazer, merecedor de atenção quando se quer melhorar o desempenho sexual ou profissional, mas que não requer cuidados médicos ou preventivos.

Anecy Almeida ressalta também o egocentrismo do adolescente, que não se preocupa com as consequências de seus atos. Condicionado desde a infância ao papel de ativo sexual, cabe a ele abordar as meninas, valendo-se de iniciativas inconvenientes ou agressivas. “O menino precisa provar que é homem e sofre verdadeira coerção para que se relacione sexualmente. Um dos entrevistados foi levado ao prostíbulo com 8 anos de idade, por amigos do pai, o que constitui uma violência sexual. Ohomem adulto se firma sexualmente através da virilidade do filho e, daí, a pressão para que as relações comecem o mais cedo possível”, observa.

Fantasia – A primeira relação sexual é um marco na vida, que merece não somente uma auto-avaliação, mas também o endosso da companhia, amigos e homens adultos. “São quatro instâncias de julgamento, sem que se leve em conta as circunstâncias da primeira vez. É muita pressão”, pondera a psicóloga. Outro componente importante é a necessidade de auto-afirmação no círculo de amigos, onde se prega o sexo com muitas mulheres e em nenhum momento a questão dos riscos e da prevenção é colocada. “Nos programas sexuais em grupo, aquele que deixa de transar é imediatamente rejeitado e desqualificado em sua masculinidade”, acrescenta.

A pesquisadora colheu relatos de meninos que, no intuito de agradar as meninas para conseguir o que queriam, expressavam o desejo de ser pai, sugerindo o número de filhos e filhas que teriam e até os nomes de cada um. As meninas, em sua fantasia, viam-se perdidas em casamento. Em nenhum momento

a relação é associada à gravidez. São casos em que os meninos se valem da carência afetiva e do temor que a adolescente guarde do abandono, convencendo-a de que ela vai se iniciar sexualmente com um homem que a ama. Para a pesquisadora, esta energia e reciprocidade de gênero fazem parte do conjunto de circunstâncias que tornam vulnerável um casal de adolescentes.

O que fazer – Anecy Almeida apresenta sugestões para amenizar as consequências da diferença e que ela própria vem exercitando na região de Campo Grande, valendo-se da repercussão de suas pesquisas. “O princípio masculino e feminino existe dentro de homens e mulheres, mas a socialização de gênero faz com que a masculinidade se disponibilize apenas para os meninos, que são estimulados à iniciativa, tomada de decisões e racionalidade, enquanto das meninas se espera características de nutridora e de natureza compassiva e receptiva. Precisamos unir esses dois aspectos, permitindo que as pessoas expressem sua masculinidade e sua feminilidade dependendo das circunstâncias”, afirma.

A pesquisadora preconiza a adoção de novos paradigmas nas políticas públicas de saúde, educação e trabalho, lembrando que os agentes socializantes são adultos e, como tais, acabam legitimando a relação patriarcal. Além de palestras para as famílias e os próprios adolescentes, ela sugere cursos para educadores da área de saúde familiar. “É o que tenho procurado fazer em minha região. Devo destacar que já vejo alterações de abordagem ocorridas por parte de agentes de saúde, médicos, enfermeiros e fisioterapeutas, que até então fixavam a educação sexual principalmente na anatomia e fisiologia, esquecendo o psicológico e o relacional”.

## A acupuntura na reabilitação pós-cirurgia da mama

A pesquisa é inédita e não encontra paralelo na literatura especializada. Sabe-se que mulheres com câncer de mama e submetidas à retirada do seio – total (mastectomia radical) ou parcial (quadrantectomia com esvaziamento axilar) – podem apresentar inchaço e diminuição da amplitude de movimentos no membro superior que fica ao lado da cirurgia. As

técnicas de tratamento tradicionalmente utilizadas promovem resultados pouco relevantes nos casos mais severos. Diante desta constatação, a fisioterapeuta Michele Elisabete Rubio Alem decidiu avaliar, nessas pacientes, os resultados da milênar acupuntura, buscando a reabilitação da função motora, diminuição do inchaço (linfedema) e melhoria na qualidade de vida – sono, atividades do dia-a-dia, sensação de peso e repuxamento do braço. Esta pesquisa deu origem à tese de doutorado orientada pela professora Maria Salete Costa Gurgel e apresentada no Departamento de Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp.

Durante seis meses, 29 mulheres que passaram por intervenção cirúrgica se submeteram a 24 sessões semanais de acupuntura, cada sessão com 30 minutos de permanência das agulhas. São pacientes atendidas pela Rede Feminina São-carlense de Combate ao Câncer e Rede Rioclarance de Combate ao Câncer Carmem Prudente. Em avaliações pré-



A fisioterapeuta Michele Elisabete Rubio Alem: “Constatamos melhoras significativas na amplitude de movimentos do ombro e na qualidade de vida”

vias, determinou-se a extensão do linfedema através da circunferência do braço e a restrição da amplitude dos movimentos utilizando-se a goniometria (medida da extensão do movimento). Tais avaliações foram repetidas nos finais do primeiro, terceiro e sexto meses de tratamento. Por meio de questionário aplicado no início e no término das sessões de acupuntura, a pesquisadora avaliou ainda o impacto do tratamento sobre a qualidade de vida do grupo de mulheres.

Na opinião de Michele Alem, as conclusões não poderiam ser mais animadoras. “Constatamos me-

lhoras significativas no grau de linfedema, na amplitude dos movimentos de flexão e abdução do ombro no decorrer do tratamento, e em todos os aspectos gerais (sensação de bem-estar, impacto da cirurgia sobre a vida, sono, atividades de vida diária, sensação de peso e repuxamento) ao final dos seis meses. Os resultados mostram a eficiência da acupuntura em todos os parâmetros avaliados e credenciam esta técnica como alternativa terapêutica para a reabilitação pós-cirúrgica do câncer de mama”, afirma.

As vantagens – A fisioterapeuta

conta que sempre se motivou a auxiliar essas pacientes por constatar as dificuldades que elas enfrentam. Segundo ela, o inchaço e dificuldade de articulação do braço homolateral à cirurgia, muitas vezes, impedem movimentos simples mas fundamentais como os de pentear os cabelos, cruzar os braços ou segurar uma xícara. Há pacientes que mesmo sem inchaço apresentam restrições severas de movimento. Estas seqüelas estão ligadas à retirada de linfonodos e à própria cirurgia, pois o sistema linfático é responsável pela defesa imunológica e pela drenagem que garante a circulação dos líquidos pelo corpo.

“As restrições não são irreversíveis, mas de difícil tratamento por meio de técnicas convencionais enquadradas no que se denomina ‘complexo descongessivo fisioterápico’, que envolve massagem (drenagem linfática manual), exercícios, auto-massagem, enfaixamento e cuidados com o braço. Isto porque qualquer machucado, mesmo que resultante da retirada de uma cutícula, pode levar ao inchaço”, explica Michele Alem. Ela considera o tratamento convencional desgastante porque após a massagem para a drenagem local, o braço é enfaixado, o que restringe os movimentos e impede a realização de várias atividades diárias.

A fisioterapeuta admite que ao recorrer à acupuntura, por presumi-la mais rápida e mais cômoda, teve que partir do zero, pois na literatura não havia nada que sugerisse caminhos ou anteviesse resultados.

Assumiu o risco, juntamente com seu professor de acupuntura, que a ajudou a selecionar os pontos teoricamente mais indicados e que possibilitassem certo conforto às pacientes, visto que nem todas poderiam ficar em decúbito dorsal. Michele Alem observa que a cirurgia da mama também pode deixar seqüelas emocionais, já que o braço inchado e a dificuldade de movimentação fazem com que a mulher se lembre a todo o momento de que teve câncer. A retirada total ou parcial de um seio, um símbolo da feminilidade, afeta ainda a sexualidade, havendo relatos de pacientes que recuperaram o desejo sexual ao longo do tratamento com acupuntura.

Alvoroco – No início do trabalho prático, as redes do câncer de São Carlos e Rio Claro enfrentaram dificuldades para conseguir o número necessário de pacientes, já que a pesquisa se concentrou apenas em mulheres submetidas à cirurgia unilateral e que não estivessem passando por tratamentos. No entanto, os resultados com as primeiras mulheres foram tão significativos que elas mesmas, face à melhoria evidente, fizeram um alvoroco nas duas cidades, despertando o interesse de emissoras locais de televisão. Com a divulgação do trabalho, houve imediato aumento na procura pelo tratamento. “O atendimento foi realizado no período de fevereiro a dezembro de 2004 e, até o momento, as pacientes continuam bem. Não houve regressão”, informa Michele Alem. (C.G.N.)